



Instituto Federal de Brasília
Campus São Sebastião
Curso Licenciatura em Pedagogia

LETÍCIA CAROLINE ALVES DE LIMA

**Isolamento social e retorno às aulas presenciais:
impactos na relação professor-aluno na educação infantil**

Brasília
2022

LETÍCIA CAROLINE ALVES DE LIMA

**Isolamento social e retorno às aulas presenciais:
impactos na relação professor-aluno na educação infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus*
São Sebastião do Instituto Federal de Brasília
como requisito parcial para obtenção de título de
licenciada.

Orientadora: Cândida Beatriz Alves

Brasília
2022

LETÍCIA CAROLINE ALVES DE LIMA

**Isolamento social e retorno às aulas presenciais:
impactos na relação professor-aluno na educação infantil**

Trabalho apresentado à disciplina Trabalho de
Conclusão do curso de Licenciatura em
Pedagogia para obtenção de nota parcial.

Aprovado em [dia] de [mês] de [ano]

BANCA EXAMINADORA

Profa. Cândida Beatriz Alves
Docente EBTT - Psicologia - IFB - Campus São Sebastião
Presidente(a) / Orientador(a)

Profa. Me. Blenda Cavalcante de Oliveira
Coordenadora Substituta do Curso de Pedagogia
Membro do IFB - Campus São Sebastião

Prof. Me. Wesley da Silva Oliveira
Membro do IFB - Campus São Sebastião

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus que conhece melhor que todos a minha luta diária ao longo da vida e do curso de Pedagogia. A minha mãe que sempre cuidou de mim e que me ajudou a chegar até aqui, muito obrigada! A senhora foi minha vontade quando ela falhou e minha rocha sempre. A minha irmã e ao meu irmão que falam tão orgulhosos que tem uma irmã pedagoga, obrigada por acreditarem em mim, vocês são parte da minha força diária, amo vocês. Agradeço em especial ao Lucas, não tenho palavras suficientes para demonstrar a gratidão, destaco que graças a ele fui a São Sebastião e fiz a matrícula no IFB, muito obrigada. A todas as amigas que a pedagogia me trouxe, muito obrigada. E a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória, obrigada pela compreensão, conselhos e aprendizados compartilhados comigo.

Resumo

O presente artigo busca compreender como a pandemia afetou as relações entre alunos e professores na educação infantil, em uma escola particular no Distrito Federal. Inicialmente esse artigo traz as legislações que regem essa etapa de ensino e apresenta um estudo sobre a perspectiva de Henri Wallon sobre a afetividade e por fim o cenário geral de como foram as aulas da educação infantil no ensino remoto. Na segunda metade do artigo, será apresentada uma pesquisa qualitativa com entrevistas com professores atuantes na educação infantil, que vivenciaram o momento de fechamento das escolas e o retorno às aulas presenciais. Para finalizar a pesquisa, os resultados obtidos com as entrevistas foram alguns dos impactos observados como a insegurança com o retorno, o medo, a adaptação ao uso das máscaras de proteção e as medidas sanitárias adotadas, que impedem o contato direto entre as crianças e professores, além de promover um afastamento por questão de segurança.

Palavras-chave: Educação Infantil, pandemia, afetividade.

Abstract

This article seeks to understand how the pandemic affected the relationships between students and teachers in early childhood education, in a private school in the Federal District. Initially this article brings the laws that govern this stage of teaching and presents a study on Henri Wallon's perspective on affectivity and finally the general scenario of how early Childhood Education classes were in remote teaching. In the second half of the article, qualitative research will be presented with interviews with teachers working in early Childhood Education, who experienced the moment of closing schools and returning to face-to-face classes. To conclude the research, the results obtained from the interviews were some of the impacts observed, such as insecurity with the return, fear, adaptation to the use of protective masks and the sanitary measures adopted, which prevent direct contact between children and teachers. , in addition to promoting a removal for safety reasons.

Keywords: Early Childhood Education, pandemic, affectivity.

SUMÁRIO

1 Apresentação	6
2 Relação professor-aluno na educação infantil	7
3 A afetividade na infância	10
4 Educação infantil durante o período da pandemia	12
5 Objetivos	15
5.1 Objetivo Geral	15
5.2 Objetivos Específicos	16
6 Metodologia	16
7 Resultados e Discussão	17
7.1 Concepções sobre a relação professor-aluno	18
7.2 O período de suspensão	19
7.3 Impactos notados com o retorno às escolas	21
8 Considerações Finais	22
Referências	24
APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA ENTREVISTA PRÉ-ESTRUTURADA	27
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	32

1 Apresentação

O ano de 2020 ficou marcado para todos como o início da pandemia da COVID-19, o que fez com que precisássemos adaptar nossas vidas e reaprender a trabalhar e estudar em casa. Todas as áreas da sociedade foram afetadas de alguma forma e na educação não foi diferente. Professores, alunos e famílias tiveram que adaptar-se a uma nova rotina que trouxe acima de tudo muitas mudanças. Afinal, como seriam as aulas? As crianças teriam mesmo acesso às aulas? Como lidar com o ensino remoto (especialmente para crianças pequenas)? E como seria a volta às aulas presenciais?

A razão pela qual quis fazer esse estudo é que, trabalhando em uma escola com turmas de educação infantil, vi de perto a maneira como a pandemia alterava a dinâmica de sala de aula diariamente, especialmente nessas turmas, por isso resolvi investigar mais a fundo o que foi afetado em razão das medidas sanitárias, como o distanciamento social e o uso de máscaras (DISTRITO FEDERAL, 2021).

Sabemos como a educação infantil é uma etapa em que a convivência com o outro é necessária para o desenvolvimento completo da criança (BRASIL, 2017), sendo eixo norteador para a sua construção plena. A pesquisa em si busca trazer a experiência sobre esse período sob o olhar de professoras.

Assim, nosso objetivo geral com essa pesquisa foi compreender como a pandemia afetou as relações entre alunos e professores na educação infantil, em uma escola particular no Distrito Federal.

Nessa pesquisa, foram feitas entrevistas com professoras atuantes na educação infantil, em uma escola localizada na Região Administrativa XV - Recanto das Emas. O trabalho apresenta inicialmente um estudo teórico das relações afetivas na educação, trazendo especialmente as legislações vigentes para a educação e a teoria de desenvolvimento na perspectiva de Wallon.

A pesquisa qualitativa foi utilizada para a obtenção dos dados, pois possui um enfoque mais baseado na descrição mediante contato direto do que se é estudado e pesquisador. Nessa pesquisa o observador coloca-se no lugar do entrevistado e no ambiente que está inserido (NEVES, 2006). A análise dessas entrevistas, são o que responderam às problemáticas abordadas no presente trabalho como os impactos do isolamento social no retorno à sala de aula na educação infantil.

2 Relação professor-aluno na educação infantil

Para entender o desenrolar da educação infantil e a forma como a relação aluno-professor se dá nessa etapa, precisamos iniciar tratando da lei que dispõe sobre a educação de forma geral no Brasil. A Lei nº 9.394/1996, mais conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a qual descreve cada uma das etapas da educação básica, define a Educação Infantil como:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB, 1996, p.23).

A educação infantil, enquanto etapa de ensino, precisou passar por um processo de regulamentação, na qual conseguiu superar o termo “pré-escolar”, utilizado fortemente até a década de 1980, anterior à Constituição de 1988 (BRASIL, 2017). Essa mudança de nomenclatura constitui uma importante mudança, pois ganha *status* de ser a primeira etapa da educação básica, sendo tão necessária quanto o ensino fundamental e médio.

Como etapa da educação básica, existe uma organização lógica para ela, na qual, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, se tem seis direitos de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Com isso, tudo deve ter uma intenção, visto que o desenvolvimento necessita de um objetivo para auxiliar na plena construção da criança (DE ANDRADE; DA SILVA ALKMIN, 2021).

Nesse contexto, aparece o papel do professor, especialmente nessa etapa, pois os alunos da educação infantil, muitas vezes, estão saindo pela primeira vez de seus grupos familiares para o ambiente da escola e para o convívio com diversas outras crianças, que trazem consigo culturas, vivências e meios de expressão de diferentes formas (BRASIL, 2017).

No processo de inserção da criança na escola, deve-se levar em conta o que ela carrega consigo, as experiências vividas anteriormente, seja na creche em que estudou ou na convivência familiar (HOFFMANN, 2011). Tudo isso deve fazer parte do cotidiano da sala de aula, de modo que o meio não vai permanecer sempre o mesmo e nem a criança (GALVÃO, 1998). Todos serão afetados ao longo dessa convivência, que se dá de forma intensa, inclusive pela faixa etária das crianças, que nessa etapa é entre 0 e 5 anos.

Outro fator a ser observado nessa relação é o meio externo, especialmente porque as legislações trazem de forma geral que a educação infantil tem por pilares o professor, o educando e a família. A escola e a família devem manter uma relação próxima, tomando cuidado para que cada uma mantenha seu papel, sendo o cuidado algo comum a ambas as partes.

Outro fator que é externo à sala de aula e ao mesmo tempo influencia em sua dinâmica é a própria escola. A sala de aula é parte da escola e o professor da educação infantil será aquele que decidirá os aspectos que levará para sua sala e terá o papel de adequar a sua turma àquilo que for acordado junto à escola.

Para a promoção do desenvolvimento da criança, o professor terá que observar, através de portfólios, desenhos, brincadeiras e no relatório bimestral, as atitudes dos educandos em relação ao meio (HOFFMANN, 2011). Como eles estão lidando e como estão se desenvolvendo de acordo com os estímulos que estão sendo colocados?

Ainda existem dois eixos estruturantes nessa etapa de ensino que devem ser levados em conta: a interação e a brincadeira.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p. 37).

O papel do professor não é simplesmente transmitir conteúdos para os alunos, vai além disso, pois ele se torna o grande mediador de conflitos e de aprendizagens. Nessa interação entre educando e educador, estão presentes diversos elementos que fazem parte da convivência em sala de aula (HOFFMANN, 2011). As interações têm um papel crucial nessa relação entre professor e aluno, pois podem garantir segurança emocional e intelectual para o desenvolvimento da criança, em relação ao meio e aos colegas.

As brincadeiras entram justamente nessas relações, já que esses momentos são muito ricos para o desenvolvimento da criança e para a forma como interage com o outro e consigo mesmo. O professor deverá superar ser apenas um espectador desses momentos e se transformar em parte integrante desse processo, tendo objetivos específicos para isso. Nesse cenário de interação, abrimos espaço para uma questão muito importante: o afeto, tema que será aprofundado no próximo tópico.

Assim, o processo de ensino aprendizagem ocorre, a partir das interações e dos contatos com objetos, pessoas e ambientes que fazem parte da realidade das crianças, estabelecendo relações por meio de brincadeiras, que vão além da convivência, que

são as experiências de vida e a personalidade construídas no dia a dia da sala de aula ou mesmo no remoto (DE ANDRADE; DA SILVA ALKIMIN, 2021).

O brincar vai configurar parte importante do cotidiano escolar, trazendo à tona o papel do professor nessa etapa de ensino. O que se observa é a concepção de que o docente da educação infantil deve ser uma professora, ainda com alguns estereótipos de gênero como por exemplo: “a professora deve ser doce”, “é bom se já for mãe” ou ainda “ela deve ser mais velha por ser mais paciente”. Sim, esse profissional tem algumas características que o diferenciam dos professores das outras etapas de ensino, mas não devem ser baseadas em concepções preconceituosas e naturalizantes, muito menos que o tornem sub-profissionais (OLIVEIRA, 2006).

O perfil do docente da educação infantil é de um profissional formado e habilitado, que possui responsabilidades próprias quanto à ação docente, como a avaliação contínua de acordo com a fase de desenvolvimento do educando. Tem o papel de apresentar novos conhecimentos às crianças ao mesmo tempo que deve entender o momento de aprendizagem vivido, não anulando a ação docente, mas sim significando o que por vezes podem ser conhecimentos soltos (HOFFMANN, 2011).

O que se espera do professor da educação infantil, segundo os dispositivos legais vigentes, é um equilíbrio na distribuição do que se é cobrado para essa etapa da educação, como desenvolver a socialização, a coordenação motora e o ganho da autonomia da criança. Alimentação, banho, sono e rotina são levados em consideração para o desenvolvimento do trabalho docente e devem estar presentes (DISTRITO FEDERAL, 2014).

No caso da educação infantil, isso é particularmente importante por ser um campo de trabalho que, pelas condições históricas de sua constituição, muitas vezes, é assumido por leigos, dentro de uma visão de atendimento à criança pequena que prioriza proporcionar-lhe cuidados físicos mais do que seu desenvolvimento global. (OLIVEIRA, 2006).

Com isso, entramos na questão dos conteúdos e aprendizagens. As aprendizagens propostas para essa faixa etária de 4 anos a 5 anos e 11 meses (BRASIL, 2017) farão a construção do que é chamado de objetivos de aprendizado e desenvolvimento. Esses objetivos são importantes para que haja o desenvolvimento por inteiro, despertando o educando para o momento educativo que ele está passando e o preparando para a adaptação da próxima etapa de ensino.

A educação infantil traz muitas maneiras de fazer com que o aluno desenvolva-se de forma orgânica, por exemplo, a coordenação motora grossa, utilizando-se de jogos. Nessa fase, não há obrigatoriedade de alfabetização e letramento (BRASIL, 1996), ela serve

justamente para preparar a criança para ir ganhando autonomia em relação ao outro e a si mesmo, de forma a aprender sobre questões de convivência e aceitação das diferenças do outro. A forma de se expressar e demonstrar o que está sentindo e pensando também serão alicerces dessa etapa de desenvolvimento. O autocuidado e a auto-higiene serão trabalhados para garantir parte dessa autossuficiência como indivíduo (DISTRITO FEDERAL, 2014).

Na educação infantil, o foco não é a quantidade de conteúdos que serão apresentados à criança, mas se ela está assimilando o que está recebendo. O tempo da criança deve ser respeitado e não poderá ser cobrado aquilo que não lhe cabe no momento, não sendo possível, por exemplo, pedir para que aprenda o nome de todos os colegas da turma, se primeiro não lhe foram ensinadas as letras e nem as partes que constituem um nome, como a letra inicial.

Com tudo isso, vemos que a educação infantil é essencial para o desenvolvimento pleno do aluno, sendo o professor figura extremamente importante nessa etapa. Essa relação se dará de forma muito próxima e todas as questões coexistem por conta dessa interação aluno-professor.

Por todo o trabalho que o docente tem e vínculo que constrói no ambiente (GALVÃO, 1996), o afeto, até por se tratar de crianças de 4 e 5 anos, tem um papel muito delicado na construção das relações na sala de aula, pois auxilia na construção de vínculos que serão os alicerces para uma boa convivência e pleno desenvolvimento ao longo do ano (MELLO; RUBIO, 2013). O lugar de fala e de escuta precisa dessa confiança, inclusive.

3 A afetividade na infância

A relação professor-aluno na educação infantil sempre trouxe debates, sendo um bom laboratório para muitas descobertas e estudos. Com a pandemia causada pela Covid-19, os alunos e professores tiveram que se adaptar ao ensino a distância e depois a um regresso dentro do que foi chamado de novo normal por alguns (ABRAMOWICZ, 2020). Para começarmos a entender como essas mudanças impactaram as relações entre aluno e professor, um caminho pertinente é a pergunta: o que é afetividade?

Na linguagem geral, afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, amor, carinho e simpatia. A afetividade está relacionada aos mais diversos termos: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros tantos. A maior parte das vezes, confundida com emoção. (MELLO; RUBIO, 2013, p. 02).

Para compreender o todo da afetividade na perspectiva de Henri Wallon, que adotaremos aqui, temos que entender as partes: emoção, sentimento e paixão. Quando falamos

sobre o caráter social da emoção, temos que lembrar do exemplo do recém-nascido, que usa do choro para comunicar suas necessidades. A expressão dessa emoção é mais por sobrevivência do que por sentimento (GALVÃO, 1998).

Com o desenvolvimento da criança, especialmente cognitivo, ela começa a entender mais linearmente as emoções, de forma que os sentimentos começam a ser melhor expressados ao longo dos anos. Essas mudanças são características dos estágios do desenvolvimento, que Wallon caracteriza em 5: impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial e adolescência. Sendo cada fase predominando recursos que a própria criança possui (GALVÃO, 1998).

Agora acrescentamos outro fator extremamente necessário para o desenvolvimento da criança: o ambiente. Wallon dá um enfoque no ambiente do qual o indivíduo faz parte, defendendo que o ambiente exerce forte influência sobre o modo como o desenvolvimento se dará. Então, a escola, a casa dos pais, a casa dos amigos e os diversos lugares que a criança frequenta irão moldar sua personalidade.

Como o enfoque deste trabalho é a educação infantil, o estágio do desenvolvimento que mais será observado será o personalismo que, para Wallon, é descrito da seguinte forma:

No estágio do personalismo, que cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, re-orienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retomo da predominância das relações afetivas (GALVÃO, 1998, p. 44).

Nessa fase, o ambiente ajudará na construção da personalidade, por isso se faz tão necessário o convívio com o outro, pois aqui a criança já não vai se relacionar apenas com a família, vai interagir em mais ambientes sociais, como a escola. Daí a necessidade da afetividade como um todo, tendo em vista que esses vínculos vão ser construídos entre alunos e professores de forma a contribuir para o desenvolvimento social, físico e cognitivo da criança.

Como estamos falando de crianças que estão, de acordo com os estágios de desenvolvimento de Wallon, passando pela fase do personalismo, a presença física e o contato com o outro tem um caráter indispensável. A expressão dos sentimentos vai se dar de forma simbólica, por meio de ideias e palavras.

Atrelado a isso, Galvão (1998) traz à discussão outra característica dessa fase, a imitação. A criança vai reproduzir ações e palavras, vindas de pessoas pelas quais ela possui

algum sentimento, especialmente de carinho e respeito. O professor se torna, de forma fundamental, exemplo para as ações de seus alunos.

Wallon fala, em diversos momentos, sobre como uma fase não anula as outras e de como essa divisão acontece de forma gradativa e não linear e sistêmica. Além de podermos perceber, no personalismo, que certos comportamentos demonstrados são resquícios de fases anteriores, podemos notar características específicas dessa fase.

A afetividade do personalismo já é diferente, pois incorpora os recursos intelectuais (notadamente a linguagem) desenvolvidos ao longo do estágio sensório-motor e projetivo. É uma afetividade simbólica, que se exprime por palavras e idéias e que por esta via pode ser nutrida. A troca afetiva, a partir desta integração pode se dar à distância, deixa de ser indispensável a presença física das pessoas (Galvão, 1998, p. 45-6).

Por isso, nesse contexto, devemos ressaltar a importância da relação professor-aluno e da forma como ela se dá no meio escolar. Visto que o personalismo é diferente das fases anteriores, devemos nos ater ao que diz Wallon quanto a importância da troca afetiva, e como a convivência em uma escola é muito intensa e duradoura, fazendo com que essa fase necessite ainda mais da presença do outro.

4 Educação infantil durante o período da pandemia

A pandemia da Covid-19 trouxe uma dura realidade para todas as áreas da sociedade. A educação sofreu com o fechamento das escolas e a necessidade do ensino remoto, tendo que redescobrir os meios disponíveis para garantir que o direito à educação permanecesse. Professores e alunos, em casa, tiveram que se adaptar a uma nova rotina de estudos e de interações. Além das legislações vigentes, com o novo cenário foi lançado o Parecer nº 5 do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) veio a público elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da COVID-19 (CNE, 2020, p. 1).

A educação infantil abarca diversas peculiaridades que a tornam necessária e é fundamental assegurar o direito das crianças com a obrigatoriedade da escola a partir de 4 anos (BRASIL, 1996). Além disso, há a questão de os pais terem um local seguro para deixar os filhos, para poderem trabalhar fora.

As barreiras socioeconômicas ficaram ainda em mais evidência nesse cenário de isolamento e aulas remotas, visto que o Distrito Federal apresenta o maior índice Gini do Brasil (IBGE 2019), número que indica o nível de desigualdade econômica do ente da

federação. O acesso à *internet* de qualidade e aparelhos eletrônicos foram fatores que entraram nessa situação. Outro importante aspecto foi o trabalho dos pais, uma vez que muitos não puderam deixar seus postos de trabalho para acompanhar os filhos.

Na Base Nacional Comum Curricular (2017), está presente a tríade: escola, família e aluno. E como as famílias que se encontravam em um cenário tão instável, com diversos problemas como violência doméstica e com maior tendência à evasão escolar, poderiam ter de fato o direito à educação resguardado (CNE, 2020)? Afinal, são famílias que precisavam batalhar por melhores condições, então, o acompanhamento próximo à criança e as condições de acesso à aula online ficariam ainda mais complicados.

Para atenuar essas questões e auxiliar as famílias das crianças, as escolas tiveram que desenvolver junto aos professores mecanismos de como formalizar as aulas, como avaliar o aluno, como saber o seu desenvolvimento e se houve retrocessos (DE ANDRADE; DA SILVA ALKMIN, 2021). Essas questões também foram abarcadas pelo Parecer nº5/2020 da CNE, em consonância com as legislações educacionais vigentes.

Com a modalidade online, até então nova no contexto da educação básica, os professores também tiveram muito que aprender para poder desenvolver atividades com seus alunos. Cursos de capacitação foram necessários para conhecer as ferramentas virtuais e a para a adaptação das atividades tanto online quanto para as impressas. Cursos na Escola Nacional da Administração Pública (ENAP) e disponibilizados pelo MEC e secretarias de educação foram essenciais.

Essa formação continuada de professores deve acontecer de forma contínua, como atualização da práxis pedagógica (BRASIL, 2017) e, nesse momento, foi aproveitada de forma muito relevante para o desempenho das atividades. A criação de salas de aula virtuais, em que os alunos pudessem ter uma experiência com o docente de forma síncrona e assíncrona, pôde acontecer com essa preparação.

Quando se vai planejar uma aula, o professor tem que possuir uma intencionalidade para aquela atividade (BRASIL, 2017), por isso, o papel de mediador apareceu ainda mais forte com a pandemia. Como nos fala Jussara Hoffmann (2011), o papel do professor enquanto mediador deve permitir que a criança acompanhe suas conquistas e dificuldades, para que possam juntos construir as possibilidades para melhor desenvolver-se.

Deve-se evitar, de um lado, a negação da realidade ou o enfrentamento mágico e fantasioso, e, de outro lado, o pensamento negativo catastrófico que leva à dramatização, que são estratégias de enfrentamentos emocionais mal adaptativas, de

fuga dos problemas, que minam a competência e a percepção de autoeficácia da pessoa para lidar com a situação, levando ao desamparo, à depressão (LINHARES; ENUMO, 2020, p. 10).

Um assunto que não teve como sumir das aulas foi a pandemia. Cabe ao professor justamente ser uma fonte de confiança, em que o aluno possa perguntar e ser respondido de acordo com sua idade e entendimento (HOFFMANN, 2011). Essa relação justamente foi afetada com a distância e as limitações de contato, sendo difícil identificar por vezes o que estava se passando com a criança e a família.

Algumas perguntas importantes durante esse período foram (e ainda tem sido): Como quebrar as barreiras de comunicação? Como entender o que de fato foi desenvolvido pela criança? Como recuperar esse tempo perdido? A relação entre aluno e professor vai ser melhor ou pior depois desse período de distanciamento? Com base nisso, como estão se dando tais relações em um contexto de pandemia, em que ou as turmas estão divididas em online e presencial, ou ainda de forma online e sem contato físico com a professora e os colegas de turma?

O retorno presencial foi um assunto bastante discutido com a reabertura de diversos setores, sempre com receio de vir uma nova onda da pandemia e tudo fechar outra vez. As escolas sofreram duramente com essas medidas e as crianças não são alheias ao ambiente, assim como salienta Wallon, e por isso tem percepção de quando algo não está indo bem ou que existe um problema. As escolas particulares voltaram às atividades presenciais a partir de outubro de 2020, com medidas de segurança para o retorno. Já para as escolas públicas do Distrito Federal, as aulas presenciais só retornaram em agosto de 2021, com decretos vindos do governo do Distrito Federal e Secretaria de Educação.

Foram adotadas medidas de segurança de forma obrigatória, para um retorno seguro tanto para os alunos quanto para os professores. Entre essas medidas estavam: o uso de máscaras faciais de proteção, o uso constante de álcool 70%, distanciamento de 2m entre as carteiras, aferição de temperatura de alunos e funcionários na entrada da escola, recomendação para que se evitasse o contato físico, entre outros. Além de todos os protocolos, as professoras da educação infantil deviam usar jalecos descartáveis, touca de proteção, protetor facial e luvas descartáveis, especialmente no contato direto para higienização e alimentação das crianças (DISTRITO FEDERAL, 2021).

A reabertura escolar é o assunto que tem ocupado espaço significativo no noticiário, e preocupado pais e responsáveis, em grande parte temerosos devido aos riscos implicados no retorno das atividades escolares. Representa um dos temas mais polêmicos no contexto da COVID-19, já que profissionais de saúde e da educação

estão longe de um consenso e diariamente surgem publicações abordando a questão com conclusões muitas vezes divergentes (DA FONSECA LIMA; DE MELLO COSTA-OLIVEIRA, 2020, p. 02).

Um ponto de muita atenção nesse retorno é como está a saúde mental das crianças, visto que são uma parte da população muito vulnerável (LINHARES; ENUMO, 2020). A convivência em uma quantidade maior de tempo com fatores de estresse causados pelo confinamento e o estranhamento com outras crianças fica mais aparente com o retorno às salas de aula. Com base em Wallon, temos uma ideia de que o convívio com pessoas próximas como a mãe e o pai gera certas expectativas na criança e essas interações são fatores que constituem a vida afetiva (GALVÃO, 1996).

Assim, quando as crianças voltaram a frequentar a escola, o convívio com tantas crianças e, especialmente, com a figura presente do professor são determinantes para a inserção das crianças no ambiente que elas tiveram que redescobrir. Além de questões básicas como a socialização, aprender a lidar com o outro e de aprender com o outro. O professor precisa estar atento e preparado para receber crianças advindas de várias realidades.

A escola, a família e os professores têm que zelar pelos cuidados e garantir que as crianças mantenham-se seguras na escola, ao mesmo tempo as aulas tiveram de ser readaptadas para o distanciamento que ainda é necessário.

Além disso, as brincadeiras, tão essenciais ao desenvolvimento das crianças, precisaram ser alteradas, o que poderia causar insegurança, mas é essencial a adequação para garantir essa atividade do cotidiano dos pequenos. O momento foi muito delicado, mas visto a importância do desenvolvimento do lúdico e do brincar, ganharam papéis ainda maiores na volta às aulas, como parte fundamental dessa redescoberta do ambiente escolar e do sentimento de pertença a turma que as crianças desenvolvem (DE ANDRADE; DA SILVA ALKMIN, 2021).

5 Objetivos

5.1 Objetivo Geral

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender como a pandemia afetou as relações entre alunos e professores na educação infantil, em uma escola particular no Distrito Federal.

5.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

- 1) Investigar concepções sobre a relação professor-aluno por parte de professoras de educação infantil de uma escola particular do DF;
- 2) Analisar como ocorreram as relações professor-aluno durante o período de aulas remotas;
- 3) Identificar alguns impactos do distanciamento social no período de retorno às aulas presenciais.

6 Metodologia

A pesquisa qualitativa é uma abordagem na qual prima-se pela obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto do estudo e os sujeitos nela envolvidos (NEVES 2006). Nesse tipo de pesquisa, algumas características são importantes como o caráter descritivo e o fato do investigador se colocar em um local de dar significado à fala dos entrevistados. É uma forma de investigação com um enfoque prioritariamente indutivo, na qual o foco não é a quantidade, mas a qualidade e a profundidade dos dados recebidos, como fala Neves (2006).

A escola utilizada como fonte de pesquisa para este artigo está localizada na região administrativa XV - Recanto das Emas, onde foram realizadas as entrevistas. É uma escola particular, em que o público alvo, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, é formado por filhos de comerciantes, servidores públicos e autônomos em sua maioria. A escola recebe crianças dos 4 aos 14 anos, oferecendo educação infantil e ensino fundamental, anos iniciais e finais.

Foram 4 professoras entrevistadas nesta escola, com 15 a 27 anos de magistério, principalmente na educação infantil. As idades das entrevistadas estão entre 49 a 57 anos e todas estavam atuando na educação infantil no período de 2020 a 2021, ou seja, desde o início da pandemia, durante as aulas remotas e no retorno das crianças para a escola. Os nomes serão trocados por nomes fictícios e a identificação delas está presente no quadro abaixo.

Quadro 1 - Caracterização das entrevistadas

Nome fictício	Idade	Formação	Tempo de atuação
Teresa	57	Licenciatura em Pedagogia	15 anos
Maria	49	Pós graduação em Psicopedagogia com especialidade em Ensino Especial	27 anos
Helena	51	Curso Superior e Licenciatura em Pedagogia	20 anos
Antonia	54	Pedagogia e Letras-Português, pós graduada em Orientação Pedagógica	15 anos

Fonte: Elaborado pela autora.

Foi apresentado para cada professora um termo de consentimento livre e esclarecido para a entrevista e divulgação das respostas para fins acadêmicos (MENDES; MISKULIN, 2017). Após o consentimento expresso por meio do termo, foram feitas perguntas divididas em blocos: 1º bloco - perguntas sobre a formação da docente, 2º bloco - perguntas sobre a atuação na educação infantil e 3º bloco - perguntas específicas sobre o período da pandemia (perguntas estão como apêndice A do artigo, assim como as respostas obtidas). As entrevistas duraram em média 10 minutos nos intervalos das professoras.

Após as entrevistas, procedeu-se à Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), que foi feita em etapas. Na primeira, houve a transcrição das entrevistas; na segunda etapa, houve uma familiarização com as entrevistas e o seu conteúdo; na terceira etapa, pôde-se constatar as incidências e convergências entre as entrevistas; na quarta etapa, por fim, foram criadas categorias temáticas para a melhor compreensão dos resultados obtidos (MENDES; MISKULIN, 2017).

A partir de todas essas etapas, que compõem os critérios para a análise de Laurence Bardin, pôde-se comparar as informações colhidas nas entrevistas com a fundamentação teórica, abordada na primeira metade desse artigo, e chegar a possíveis respostas às perguntas e problemáticas propostas ao longo deste trabalho.

7 Resultados e Discussão

Nesse cenário de transição do ensino remoto para a readaptação às escolas após o período de suspensão das aulas presenciais, foram entrevistadas professoras que vivenciaram desde o momento inicial do fechamento das escolas, até o retorno parcial e depois total dos

alunos. De acordo com as falas obtidas e das teorias discutidas até aqui, podemos buscar os possíveis efeitos da pandemia na relação professor-aluno na educação infantil.

A partir da análise de conteúdo realizada, foi possível caracterizar 4 categorias temáticas, que serão apresentadas e discutidas abaixo.

7.1 Concepções sobre a relação professor-aluno

Sobre as características citadas pelas entrevistadas para atuar na educação infantil estão a tranquilidade, gostar de criança, amor pela profissão, paciência, vocação e sabedoria. As professoras no geral citaram características semelhantes, mas, na fala da professora Maria que destaca: “Primeiro é ter formação, ninguém pode querer ser professor sem se especializar na área! Ter muito amor e paciência! Não ganhamos dinheiro nessa profissão, ganhamos reconhecimento e realizações pessoais, em ver os resultados de um trabalho contínuo”.

Pela fala da educadora podemos extrair algumas informações como a formação adequada, um ponto que não foi citado anteriormente por nenhuma das outras professoras. Ela retoma em sua fala concordando com as entrevistadas em citar o amor e a paciência como pontos necessários para a professora de educação infantil e por fim deixa a entender que o trabalho que se tem não é valorizado em termos monetários e sim por autorrealização em ver o desenvolvimento das crianças (MELLO; RUBIO, 2013).

A educação infantil traz consigo a questão do cuidado físico sobrepondo à formação global da criança (OLIVEIRA, 2006). A necessidade da formação constante é fundamental para o profissional dessa etapa de ensino, sendo inclusive assegurado por dispositivos legais como a LDB (1996). Esse momento de estudo, faz com que o docente possa repensar suas estratégias diante da sala de aula e a sua identidade profissional.

Outro ponto a ser analisado é o fato de que muitas vezes o vasto mercado de trabalho, a oferta de serviço público ou a falta de escolha (OLIVEIRA, 2006), são motivadores para a escolha do curso de Pedagogia, como afirmam as professoras Teresa, Helena e Antonia. A professora Maria traz outra perspectiva, de repetir os passos da mãe que também era professora, mas destacando a importância de formação adequada.

7.2 O período de suspensão

O período de suspensão foi muito delicado e sobre isso houve um consenso entre as entrevistadas. Os diversos sentimentos como pânico, medo, insegurança e os desafios que viriam com a educação de forma online, abalaram as professoras quando receberam a notícia da pandemia. Após esse primeiro impacto, vemos na fala da professora Maria e na professora Helena uma concordância quanto à adaptação.

A professora Maria diz: “No início tive muito medo, dúvidas, nervosismo em ter que me especializar no novo (*Google Meet*). Mas, com muito trabalho, esforço e dedicação, consegui me adaptar bem”. E, sobre isso, a professora Helena adiciona: “Quando saiu a notícia da pandemia, meu mundo desabou por conta dos desafios que teríamos que enfrentar com as gravações das aulas, aulas pelo computador”.

Nas duas falas, elas citam o modelo online como desafiador e a professora Antonia toca em outro ponto muito escutado com a pandemia: “Nunca imaginei que isso aconteceria, especialmente no ensino de crianças a distância.” Realmente, aulas online para a educação infantil não estavam previstas em lei, mas teve que ser implementada em caráter de urgência por razão do isolamento social.

Quando tratamos sobre a educação básica (educação infantil, ensino fundamental e médio), o ensino de forma online não era uma realidade e os professores não tinham familiaridade em meios digitais para saber como atuar dessa forma. Infelizmente, teve-se pouco tempo e não foi algo planejado ou que pudesse ser previsto, então vimos que o sentimento de insegurança transmitido pelas entrevistas vem justamente dessa falta de conhecimento sobre como lidar com essa situação, o que é natural do ser humano, esse medo do novo (DE ANDRADE; DA SILVA ALKIMIN, 2021).

Outros pontos cotidianos afetados por essa nova forma de dar aula ficam justamente nos planejamentos dos professores, na organização e separação da vida pessoal com o trabalho, que usualmente já é uma carga pesada, na organização dos eventos da escola, acompanhamento mais individualizado dos alunos e resolução de problemas cotidianos.

A adaptação na escola já é um período que carrega consigo muitos desafios, então, quando as aulas aconteceram de forma online, os desafios já existentes nesse período não desapareceram, sendo somados a eles outras dificuldades como pôde se observar na fala da professora Teresa que diz: “Difícil, se adaptar às aulas online para crianças tão pequenas e

aprender tanta coisa e ainda ter que ensinar”. Foi um enorme desafio trazido pelo isolamento o de, ao mesmo tempo, aprender sobre as ferramentas online como o *Google Classroom*, e auxiliar os pais e as crianças, em que cada um está em um lugar diferente, mas formando uma turma mesmo nessas condições adversas (LINHARES; ENUMO, 2020).

Ainda falando sobre essa adaptação, as professoras Maria e Antonia viram como oportunidade de aprendizagem. Podemos notar quando lemos: “No modelo online, consegui fazer um ótimo trabalho, pois mostramos às famílias que precisamos nos unir em todos os momentos. E este foi um grande aprendizado para a família entender como funciona a escola”, destacam que a participação da família é fundamental para fortalecer os vínculos entre criança-escola e professor-criança (DE ANDRADE; DA SILVA ALKIMIN, 2021).

Continuando essa ideia e crescendo, a professora Antonia coloca: “Quem dá aula há mais tempo não tinha essa prática com a tecnologia e o computador tão presentes em sala de aula. Teve que ter um momento para aprender a usar a tecnologia e as ferramentas para dar aulas.”

Na legislação, é assegurada a formação continuada dos profissionais da educação (BRASIL, 1996) e os professores, como vimos, conseguiram, na pandemia, iniciar estudos que não estavam presentes no seu cotidiano de forma acelerada para logo suprir a necessidade do momento. Alguns aprenderam mais rápido que outros e não necessariamente tinham os recursos necessários para a mudança.

Os recursos mais mencionados de forma direta e indireta foram as ferramentas do *Google*, e que as aulas ocorreram pelo *Google Meet*. O que de fato fica evidenciado pelas falas é o suporte com alguém na escola para tirar dúvidas e ensinar como usar as ferramentas, o que evidencia a capacidade de se reinventar das professoras mesmo que as mesmas citam a dificuldade de toda essa mudança.

A professora Maria neste contexto cita que "Os desafios com os pequenos são constantes: os pais que colocam a escola como sendo a única responsável pela educação dos filhos, sendo necessário mesmo um trabalho conjunto, criar estratégias para manter a atenção dos pequenos, tem que ser diariamente”. Esse trabalho conjunto citado pela professora, pode ser observado em Wallon, quando trata que as pessoas próximas, os aspectos físicos do espaço e a linguagem formam o contexto do desenvolvimento (GALVÃO, 1998). Fazendo uma junção da fala da professora com a teoria de Wallon, podemos ver que a presença ou a falta da

família no cotidiano escolar afeta o modo como as crianças criam conexão com esse novo ambiente.

7.3 Impactos notados com o retorno às escolas

O retorno às aulas presenciais sem dúvida gerou muita expectativa quanto ao encontro entre alunos e professores. Geralmente esse momento ocorre no início do ano, mas com o isolamento esse momento não foi como o usual. Cada escola teve seu modo de lidar com o modelo online, mas todos ansiavam pela volta presencial ao ambiente escolar. Nas falas das professoras, observamos que esse suporte foi muito importante para que o professor tivesse segurança nas aulas.

As primeiras impressões baseadas nas falas das professoras foram de um medo aparente, especialmente quanto à situação vigente da pandemia, como relatam as professoras Maria e Helena, sendo que a fala de todas as entrevistadas traz consigo as primeiras impressões sobre essa experiência do retorno à escola.

Como vimos na questão da mediação na educação infantil (HOFFMANN, 2011), as professoras falam sobre esse momento de inserção e reinserção da criança no contexto escolar. Sobre isso, a professora Maria fala da dificuldade de manter os protocolos de segurança: “Os desafios com a volta foram de manter distanciamento entre os pequenos, máscaras o tempo todo e ainda *Meet* para os alunos em casa ao mesmo tempo.”. A volta trouxe consigo muitas coisas e a relação professor-aluno não estava como o usual, como podemos notar.

Quanto à afetividade, Wallon defende que, na fase do personalismo, o caráter afetivo está ligado à construção do eu e, por isso, o convívio com outras pessoas além da família é agregador e fundamental para essa troca afetiva (GALVÃO 1998). Nesse sentido, as professoras Helena e Antonia se complementam em suas falas e pensamentos acerca da volta. A professora Helena diz: “Muito difícil essa fase já que ainda não podemos abraçar as crianças. Por serem crianças pequenas que necessitam desse acolhimento por parte do professor”. A professora Antonia complementa: “A relação esfria, você não tem o *feedback* imediato. Você não consegue sentir o potencial dela e a interação com os outros ajuda demais no desenvolvimento humano e afetivo”.

Já pode-se notar que um dos primeiros impactos observados estão ligados ao contato diário, que, reduzidos em virtude da pandemia, trazem consequências pedagógicas, além das

afetivas. A criança com maior dificuldade em se comunicar também sofre, em virtude do uso constante de máscara e distanciamento, pois fica mais difícil expressar com palavras o que se está querendo dizer. O exercício da escuta e da atenção aos pequenos gestos fica ainda mais necessário, tanto para alunos quanto para professores.

A fala da professora Teresa também segue essa linha de raciocínio: "A falta de contato tirou um pouco da segurança do aluno em relação ao ambiente, sendo necessário um tempo bem maior de adaptação à escola." A adaptação e a inserção, portanto, são fatores indissociáveis ao contato entre professor-aluno e essa conquista com o meio em que está inserido.

Um ponto de destaque é quando a professora Maria aborda um outro fator fundamental da educação infantil: "A relação professor e aluno sempre deve ser de cooperação e respeito, nunca de imposição. Com a pandemia todos se ajudam. É na conscientização que conseguimos nos adaptar bem. O aluno sempre deve ser ouvido, e orientado em todos os momentos!" Além de claramente citar a importância da relação professor-aluno, essa fala em específico trata sobre o respeito e o diálogo que devem existir na sala de aula, o professor deve estar aberto a tirar dúvidas com o professor, isso também demonstra confiança (DE ANDRADE; DA SILVA ALKIMIN, 2021).

A orientação não deve ficar somente para os adultos, as crianças também tem a capacidade de entender o mundo ao redor delas e não devem estar alheias ao que está acontecendo, visto que um dos campos de experiência da educação infantil é justamente espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2017). O espaço da escola deve ser um ambiente para entender as informações recebidas, o que pode acontecer de forma indireta ou direta, para que o educando entenda de acordo com sua idade a realidade.

8 Considerações Finais

A dinâmica das salas de aula e da vida cotidiana foi interrompida devido ao avanço da pandemia da COVID-19. Todas as áreas da sociedade foram afetadas de alguma forma e tiveram que se reinventar para segurança de todos. A educação teve, ao longo do ano de 2020, aulas de maneira remota para assegurar o direito constitucional da educação para todos. Em

2021, com a chegada da vacina e diminuição de casos, as escolas, assim como outros setores, puderam reabrir as portas e receber os alunos.

Pudemos observar com as entrevistas que o medo e a insegurança estão bem presentes no ambiente da educação infantil, que as crianças estão tendo problemas para se adaptar à escola com tantas proibições e o contato tão escassos. Desse modo, o objetivo geral do trabalho foi cumprido de acordo com o que se propôs, de investigar as relações professor-aluno englobando o período de isolamento social e o retorno às aulas presenciais da escola observada.

Um fator que foi limitador foi o estudo de apenas uma escola, mas como estamos vivendo um outro momento da pandemia, o contato com outras escolas bem como a observação de outras crianças não se mostrou possível. São necessários novos estudos e esforços para se entender outros possíveis impactos, até de acordo com outras realidades tanto culturais quanto econômicas.

Outra questão que influencia e que não estava disponível é a vacina, inclusive para as crianças, e uma realidade que nos faz mais confiantes que o fim da pandemia está mais próximo. Apenas com a contínua observação e estudo nas salas de aulas, poderemos ver a longo prazo que outros impactos esse período atípico vai de fato trazer para as relações afetivas e cotidianas das escolas.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. Educação infantil pós-pandemia. **Profissão docente**, p. 95 - 106. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34361/1/profiss%C3%A3o-docente-em-quest%C3%A3o_RI.pdf#page=97> Acesso em: 17 de jan de 2022.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CASTELLI, Carolina Machado; DELGADO, Ana Cristina Coll. Educação infantil na pandemia e pós-pandemia: reflexões sobre o emparedamento das crianças. **Sociedad e Infancias**, v. 5, n. 2, p. 31-42, 2021.

DA SILVA LEITE, Sérgio Antônio. Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas em psicologia, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751440006.pdf> . Acesso em: 26/06/2021.

DE ANDRADE, Greice Kelly Marinho; DA SILVA ALKMIN, Michelle Cássia. 2. EDUCAÇÃO INFANTIL VERSUS PANDEMIA: DESAFIOS E SUPERAÇÕES. Interfaces da Educação: Perspectivas e dimensões teórico-práticas, 2021. <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mn8pEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA34&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+na+pandemia&ots=-agmCX4Qgd&sig=bnf6nnVP7ZoOfbd1e36jtrOhSao#v=onepage&q=educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20na%20pandemia&f=false>. Acesso em 16/08/2021.

DA FONSECA LIMA, Eduardo Jorge; DE MELLO COSTA-OLIVEIRA, Matheus Brandt. Volta às aulas no contexto de pandemia: um desafio e várias vertentes. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/rp130521a02.pdf>.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 12.092º 41.913, DE 19 DE MARÇO DE 2021. DIÁRIO OFICIAL DO DISTRITO FEDERAL, ANO L, EDIÇÃO EXTRA Nº 22-A. Disponível em: https://dodf.df.gov.br/index/visualizar-arquivo/?pasta=2021%7C03_Mar%C3%A7o%7CDODF%20022%2019-03-2021%20EDICAO%20EXTRA%20A%7C&arquivo=DODF%20022%2019-03-2021%20EDICAO%20EXTRA%20A.pdf . Acesso em: 02 jan. 2022.

DISTRITO FEDERAL - Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento** da Educação Básica: Ensino Fundamental Anos Iniciais. Brasília, 2014a.

DISTRITO FEDERAL.

<https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ed-Infantil_19dez18.pdf> Acesso em 27/07/2021.

FARAGO, Cátia Cilene; FONFOCA, Eduardo. A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. revista Linguasagem, v. 18, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1167> . Acesso em: 14/09/2021.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 133 p. v. Série. ISBN 85-326-1402-7.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Mediação, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Brasileiro de 2019 - Indicadores Sociais de Moradia no Contexto da Pré-Pandemia de COVID-19. BRASIL: IBGE, 2019.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm . Acesso em: 06/06/2021

LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 37, 2020.) <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKWBqwbRzLzd8C/?lang=pt> Acesso em 31/07/2021.

MELLO, Tágides; RUBIO, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013. < <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf> > Acesso em: 24/08/2021.

MENDES, Rosana Maria e MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. Cadernos de Pesquisa [online]. 2017, v. 47, n. 165 [Acessado 09 Janeiro 2022] , pp. 1044-1066. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053143988>>. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/198053143988>.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: < http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf >. Acesso em: 16/09/2021.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de et al. Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil. Cadernos de pesquisa, v. 36, p. 547-571, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KFXjybrkmSGyC5WqFjgvZ6c/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 25 jan 2022.

PINTO, Heloysa Dantas de Souza. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon. Temas em Psicologia, v. 1, n. 3, p. 73-76, 1993. - <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v1n3/v1n3a10.pdf> Acesso em: 18/06/2021.

SILVEIRA, Antonia Soares et al. Processo ensino aprendizagem na educação infantil em tempos de pandemia e isolamento. **Revista Ciência Contemporânea**, v. 1, n. 6, p. 349-364, 2020. <http://cienciacontemporanea.com.br/index.php/revista/article/view/32/29> . Acesso em 20/08/2021.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 16, n. 1, 2015. <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>> Acesso em: 22/09/2021.

APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA ENTREVISTA PRÉ-ESTRUTURADA

1. Qual sua formação?
2. Por que escolheu atuar na pedagogia?
3. Há quanto tempo trabalha com a educação infantil?
4. Se identifica com a sua área de atuação?
5. Quais características você diria necessárias para desenvolver sua profissão?
6. Quais os maiores desafios (antes da pandemia) nessa etapa de ensino?
7. Qual(is) a(s) melhor(es) parte(s) de atuar nessa etapa?
8. Se pudesse atuaria em outra área?
9. O que sentiu quando recebeu a notícia: escolas fechadas, estamos em uma pandemia?
10. Como foi a adaptação ao modelo online?
11. Que suporte ou ferramentas te auxiliaram na modalidade de ensino online?
12. Acredita que foi válida a experiência do ensino remoto para as crianças da educação infantil?
13. O que sentiu ao voltar para a escola? (Impressões dos primeiros meses, adaptação).
14. Que desafio(s) vieram da volta?
15. Como avalia a relação professor-aluno nesse momento?

Professora Teresa

1- Qual sua formação?

Pedagogia.

2 - Por que escolheu atuar na pedagogia?

Por ser um curso na época que tinha uma área grande de trabalho.

3 - Há quanto tempo trabalha?

Há 15 anos.

4 - Se identifica com a sua área de atuação?

Me identifico muito.

5 - Quais características você diria necessárias para desenvolver sua profissão?

Tranquila, gostar de criança pequena e amor pelo que faz.

6 - Quais os maiores desafios (antes da pandemia) nessa etapa de ensino?

Adaptação e convivência ao ambiente escolar.

7 - Qual(is) a(s) melhor(es) parte(s) de atuar nessa etapa?

Acompanhar o desenvolvimento das crianças.

8 - Se pudesse atuar em outra área?

Não tenho distinção de turma.

9 - O que sentiu quando recebeu a notícia: escolas fechadas, estamos em uma pandemia?

Pânico total!

10 - Como foi a adaptação ao modelo online?

Difícil, se adaptar às aulas online para crianças tão pequenas e aprender tanta coisa e ainda ter que ensinar.

11 - Que suporte ou ferramentas te auxiliaram na modalidade de ensino online?

Google sala de aula, ferramentas do google e do office. E tive que fazer o curso do google de forma expressa.

12 - Acredita que foi válida a experiência do ensino remoto para as crianças?

Sim, mesmo que às vezes os pais tenham medo de deixar as crianças errarem e queiram fazer por elas.

13 - O que sentiu ao voltar para a escola? (Impressões dos primeiros meses, adaptação).

Insegurança por não saber exatamente o que me esperava.

14 - Que desafio(s) vieram da volta?

Readaptação dos que retornaram e a permanência das videoaulas (modelo híbrido).

15 - Como avalia a relação professor-aluno nesse momento?

A falta de contato tirou um pouco da segurança do aluno em relação ao ambiente, sendo necessário um tempo bem maior de adaptação à escola.

Professora Maria

1- Qual sua formação?

Pós graduação em Psicopedagogia com especialidade em Ensino Especial.

2- Por que escolheu atuar na pedagogia?

Por influência da minha mãe que também era Professora. E foi a melhor escolha que fiz, amo ser educadora!

3- Há quanto tempo trabalha?

Há 27 anos em educação, dos quais 25 anos são na Educação Infantil.

4- Se identifica com a sua área de atuação?

Sim muito! Fiz faculdade e pós na área, por amar o que faço. Poder ver o crescimento de cada criança, desde o início do ano e sua finalização, sabendo que você participou e influenciou, é gratificante.

5- Quais características você diria necessárias para desenvolver sua profissão?

Primeiro é ter formação adequada, ninguém pode querer ser professor sem se especializar na área. Ter muito amor e paciência. Não ganhamos dinheiro nessa profissão, ganhamos reconhecimento e realizações pessoais, em ver os resultados de um trabalho contínuo.

6- Quais os maiores desafios (antes da pandemia) nessa etapa de ensino?

Os desafios com os pequenos são constantes: os pais que colocam a escola como sendo a única responsável pela educação dos filhos, sendo necessário mesmo um trabalho conjunto, criar estratégias para manter a atenção dos pequenos, tem que ser diariamente.

7- Qual(is) a(s) melhor(es) parte(s) de atuar nessa etapa?

Melhor parte é ser reconhecida pelo seu trabalho com os pequenos, ao ver seu desenvolvimento a cada etapa vencida. Isso me traz um reconhecimento pessoal, nada paga essa satisfação de dever cumprido!

8- Se pudesse atuar em outra área?

Não. Só se fosse na mesma área, psicopedagogia.

9-O que sentiu quando recebeu a notícia: escolas fechadas, estamos em uma pandemia?

Foi um sentimento de medo e preocupação, em como seria a educação, as aulas, reuniões, tudo. Fazer o trabalho da educação com os pequenos e pelo computador mais ainda. No início tive muito medo, dúvidas, nervosismo em ter que me especializar no novo (google meet). Mas com muito trabalho, esforço e dedicação, consegui me adaptar bem.

10-Como foi a adaptação ao modelo online?

No modelo online, consegui fazer um ótimo trabalho, pois mostramos as famílias que precisamos nos unir em todos os momentos. E este foi um grande aprendizado para a família entender como funciona a escola.

11-Que suporte ou ferramentas te auxiliaram na modalidade de ensino online?

Para o modelo online, tivemos o suporte da TI, o professor de informática da escola. Tivemos plataformas para gravar aulas, postar para os alunos, deixar disponíveis formulários, vídeos. As aulas foram em meets, transmitindo simultaneamente.

12 - Acredita que foi válida a experiência do ensino remoto para as crianças?

Para os pequenos, a adaptação foi muito difícil. Eles não tinham paciência para ficarem quietos na frente da tela por muito tempo. Por isso foi preciso estratégias para manter sua atenção um pouco mais na frente da tela. Como eles são bem desenvolvidos com a tecnologia, se adaptaram muito bem.

13 - O que sentiu ao voltar para a escola? (Impressões dos primeiros meses, adaptação).

Ao voltar para a escola, senti medo, pois a pandemia não tinha acabado, muitos casos e mortes ainda acontecendo.

14 - Que desafio(s) vieram da volta?

Os desafios com a volta, foram de manter distanciamento entre os pequenos, máscaras o tempo todo e ainda meets para os alunos em casa ao mesmo tempo. Foi muito difícil.

15 - Como avalia a relação professor-aluno nesse momento?

A relação professor e aluno sempre deve ser de cooperação e respeito, nunca de imposição. Com a pandemia todos se ajudam. É na conscientização que conseguimos nos adaptar bem. O aluno sempre deve ser ouvido, e orientado em todos os momentos!

Professora Helena

1.Qual sua formação?

Curso superior e conclui a graduação em Pedagogia.

2.Por que escolheu atuar na pedagogia?

Por ter feito o magistério e logo fui pra sala de aula.

3.Há quanto tempo trabalha?

Trabalho há mais de 20 anos.

4. Se identifica com a sua área de atuação?

Sim amo o que faço mesmo a tantos desafios.

5.Quais características você diria necessárias para desenvolver sua profissão?

Paciência, vocação e sabedoria para lidar com os desafios.

6.Quais os maiores desafios (antes da pandemia) nessa etapa de ensino?

A participação das famílias que não se importam com a educação dos filhos deixando tudo pra escola.

7.Qual(is) a(s) melhor(es) parte(s) de atuar nessa etapa?

Não vejo a melhor parte, vejo como uma profissão desgastante que requer muito da gente.

8.Se pudesse atuar em outra área?

Não atuaria em outra.

9.O que sentiu quando recebeu a notícia: escolas fechadas, estamos em uma pandemia?

Quando saiu a notícia da pandemia meu mundo desabou por conta dos desafios que teríamos que enfrentar com as gravações das aulas, aulas pelo computador.

10.Como foi a adaptação ao modelo online?

O modelo online foi bem difícil viu.

11. Que suporte ou ferramentas te auxiliaram na modalidade de ensino online?

A escola nos auxiliou bastante com treinamentos, palestras e vídeo conferências.

12. Acredita que foi válida a experiência do ensino remoto para as crianças?

Sim acredito que mesmo à distância tivemos um retorno bem positivo.

13. O que sentiu ao voltar para a escola? (Impressões dos primeiros meses, adaptação).

Medo no início tinha aquele receio, medo da doença mesmo.

14. Que desafio(s) vieram da volta?

Da volta ficou difícil trabalhar com alunos presencial e online ao mesmo tempo foi outro desafio, diria o pior de todos, mas depois voltou tudo ao normal até a rotina escolar.

15. Como avalia a relação professor-aluno nesse momento?

Muito difícil essa fase já que ainda não podemos abraçar as crianças. Por serem crianças pequenas que necessitam desse acolhimento. por parte do professor.

Professora Antonia

1-Qual sua formação?

Formada em pedagogia e letras. E pós graduação em orientação pedagógica.

2-Por que escolheu atuar na pedagogia?

Primeiramente eu fiz o magistério, onde o segundo grau era profissionalizante, porque eu sempre gostei de lidar com pessoas, de ensinar, uma vocação minha, por amor. Depois de anos, fiz letras mas me decepcionei com a formação e então depois fiz pedagogia. Amo a arte de ensinar, ver o desenvolvimento completo da criança.

3- Há quanto tempo trabalha?

03 anos em letras e mais ou menos 15 anos em pedagogia.

4- Se identifica com a sua área de atuação?

Me identifico totalmente.

5-Quais características você diria necessárias para desenvolver sua profissão?

Aptidão, vocação e amor, porque se não houver essa doação não tem sentido.

6-Quais os maiores desafios (antes da pandemia) nessa etapa de ensino?

Aproximar os pais da escola.

7-Qual(is) a(s) melhor(es) parte(s) de atuar nessa etapa?

Aprendizagem, como dizem “conhecimento é algo que ninguém rouba”. Me aprimorei e me inovei como professora, para dar o melhor.

8- Se pudesse atuar em outra área?

Se eu pudesse, eu queria cursar psicologia, gosto demais de lidar com as pessoas e poder ajudar.

9-O que sentiu quando recebeu a notícia: escolas fechadas, estamos em uma pandemia?

Um baque muito grande, tudo mudou. Nunca imaginei que isso aconteceria, especialmente no ensino de crianças a distância. Muito difícil mesmo.

10-Como foi a adaptação ao modelo online?

Quem dá aula há mais tempo não tinha essa prática com a tecnologia e o computador tão presentes em sala de aula. Teve que ter um momento para aprender a usar a tecnologia e as ferramentas para dar aulas.

11-Que suporte ou ferramentas te auxiliaram na modalidade de ensino online?

Dar ao mesmo tempo aula online, foi um grande desafio. Não tive medo de buscar ajuda e tive muita ajuda do professor de TI que auxiliou demais. Em uma escala de 0 a 10, meu conhecimento está em um 7 ou 8. Ir atrás de especialistas e quem conhecia mais e pudesse me ajudar, fazendo e vendo o que precisava para me ajudar. Usava livros online, vídeos e as ferramentas do google.

12- Acredita que foi válida a experiência do ensino remoto para as crianças?

Acredito que apesar de tudo foi válida. A criança hoje vê a escola de outra forma, de forma mais séria.

13-O que sentiu ao voltar para a escola? (Impressões dos primeiros meses, adaptação).

O que será que vai acontecer e muito feliz de voltar pra escola. O ensino híbrido foi bem puxado.

14- Que desafio(s) vieram da volta?

Foi bom, o presencial é muito melhor, vendo a criança mesmo sem poder tocar, parece que a criança se vê mais como educando, diferente de quando está em casa e tudo a distrai.

15- Como avalia a relação professor-aluno nesse momento?

A relação esfria, você não tem o feedback imediato. Você não consegue sentir o potencial dela e a interação com os outros ajuda demais no desenvolvimento humano e afetivo.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa **“Isolamento social e retorno às aulas presenciais: impactos na relação professor-aluno na educação infantil”** de responsabilidade de Letícia Caroline Alves de Lima, aluna do curso Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Brasília, orientada por Cândida Beatriz Alves. O objetivo desta pesquisa é investigar de que forma a pandemia afetou as relações entre professores e alunos na educação infantil. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como vídeos de gravação, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. É para estes procedimentos que você está sendo convidada a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode nos contatar através do telefone (61) 99355-5399 ou pelo e-mail leticia.lima@estudante.ifb.com.br e com a orientadora pelo telefone (61) 99292-3974 ou pelo e-mail candida.alves@ifb.edu.br.

A equipe de pesquisa poderá devolver os resultados por meio dos participantes em uma conversa informal, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Esse documento foi enviado via mensagem eletrônica para as participantes e foi apresentado no início da entrevista.